



**SCHÜLER, Donaldo. *Joyce era louco?*. São Paulo:
Ateliê Editorial, 2017. 238 p.**

Leide Daiane de Almeida Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina / Brasil

daiane.deao@gmail.com

A questão levantada por Jaques Lacan em seu seminário de número 23, dedicado à obra de James Joyce, é escolhida por Donaldo Schüler como título do seu mais novo livro: *Joyce era louco?*. O leitor e a leitora são convidados a adentrar uma obra em que se entrelaçam questões psicanalíticas, políticas e literárias. A quantidade impressionante de referências literárias, filosóficas, mitológicas etc., na construção de sua releitura das duas últimas obras do escritor irlandês, James Joyce (1822-1941), demonstra uma espantosa erudição. Sua capacidade de articulação dos temas apresentados oferece ao leitor e à leitora uma rica imersão, tanto na obra joyceana quanto nas investigações de Lacan sobre a fascinante escrita de Joyce.

O livro é dividido em cinco capítulos. O primeiro, intitulado “Loucuras”, traz uma ampla contextualização sobre a noção de loucura e sua oscilação conceitual ao longo dos tempos. Schüler parte da mitologia grega, discutindo sobre as ménades e musas, passa pelo conto de Machado de Assis, *O alienista*, por *O elogio da loucura*, de Erasmo de Rotterdam, por “Orlando furioso”, poema épico de Ariosto, e também por *Gargântua*, romance de Rabelais, apenas para citar algumas de suas referências para discutir o tema da loucura. Ainda nesse capítulo, o autor entra mais especificamente na questão da loucura sob a perspectiva psicanalítica, para então partir para a discussão a respeito do interesse de Lacan na obra de Joyce.

O questionamento a respeito da sanidade mental de Joyce provavelmente tem sua origem na constatação da impressionante inventividade de sua escrita. Como escreve Schüler: “James Joyce desperta em si o criador. As invenções delirantes de Joyce libertam, projetam voos inesperados”.¹ Um desses voos se dá em *Ulysses* e é justamente a essa obra que Schüler dedica o segundo capítulo de seu livro. Nesse capítulo, intitulado “Ulysses”, Schüler passeia pelos 18 capítulos da penúltima obra de Joyce, oferecendo uma releitura repleta de outras referências, principalmente relacionando *Ulysses* à *Odisseia* de Homero, obra na qual Joyce se inspirou para escrever sua epopeia moderna. Schüler aprofunda ainda a análise dos personagens principais da obra, trazendo muitas contribuições para uma compreensão mais apurada de sua complexidade e riqueza.

O segundo capítulo, o mais extenso do livro, é seguido por um capítulo dedicado a alguns aspectos do *Finnegans Wake*, cuja única tradução integral foi realizada também por Donaldo Schüler. No terceiro capítulo, intitulado “Riverrun”, palavra criada por Joyce para iniciar seu último romance, Schüler retoma a questão que dá título a esse livro. A resposta de Lacan à sua própria pergunta, feita durante seu seminário dedicado à obra de Joyce, na Sorbonne, é que: “a mania reflete-se na última obra de Joyce, *Finnegans Wake*”.² Entre incursões psicanalíticas e literárias, Schüler leva o leitor e a leitora a desejar visitar a “história do mundo”, que na obra de Joyce está escrita em camadas geológicas, as runas do mundo, como ele afirma. Dentre as diversas facetas da obra, o aspecto político salientado por Schüler salta aos olhos, principalmente pelo momento de crise política que o mundo tem vivenciado nos últimos tempos.

Schüler comenta que: “Toda escrita rebelde desestabiliza sistemas” e, ainda, que “ninguém se aventurou às ousadias de Joyce”.³ As ousadias de Joyce foram capazes de desestabilizar a língua inglesa, uma espécie de vingança pelo longo e doloroso processo de colonização que sua terra natal, a Irlanda, foi impelida a passar. *Finnegans Wake*, entre outras coisas, uma obra política de Joyce, revela-se em pequenas porções. “O sujeito não espelha na imagem especular nem na assinatura. A busca

¹ SCHÜLER. *Joyce era louco?*, p. 31.

² SCHÜLER. *Joyce era louco?*, p. 129.

³ SCHÜLER. *Joyce era louco?*, p. 147.

analítica progride em leitura cuidadosa rumo ao escondido. Tampouco *Finnegans Wake* se rende a olhares apressados”.⁴

No quarto capítulo, intitulado “Lituraterra”, a articulação filosófica presente na discussão traz à tona questões políticas importantes, bem como uma crítica ferrenha ao Estado. “A máquina estatal insegura, ainda que rotulada de democrática, privilegia uns, inferniza a vida de outros, conduz multidões como rebanhos submissos, objetualiza (entifica) a si mesma e a todos, o voto oferecido e vigiado produz a ilusão da liberdade”.⁵ As várias questões políticas presentes no texto, frequentemente postas com o intermédio da filosofia, da literatura, do cinema e da mitologia, levam o autor a concluir que: “A letra guarda o último rastro da visibilidade, confronta a sombra, a velocidade que ainda não se fez luz – literatura”.⁶

No quinto e último capítulo da obra, “Joyce, o Enigma”, a questão da suposta loucura joyceana é novamente visitada. Nesse capítulo, personalidades e personagens se revezam para dar nome às seções. Passamos por Moisés, Miguel Ângelo, Fernando Pessoa, Lear e Quixote, para então encontrarmos Arthur Bispo do Rosário, “épico das artes visuais” que é comparado a Joyce, “iluminado e ilimitado como o romancista irlandês”.⁷ Das muitas vezes que a pergunta que dá título ao livro foi lançada, diferentes “respostas” foram ensaiadas. “Joyce era louco? Ao desarticular o mundo que o assombra, um pesadelo, Joyce age como criador, cria-se a si mesmo, contribui para que leitores ativos se evadam da rigidez petrificante. Em lugar de impor falsidades, Joyce denuncia mentiras”.⁸ A fascinante criação literária de Joyce, que com frequência foi julgada como disparate, sobretudo com o início da publicação serializada de *Work in Progress*, na revista *Transition*, de Eugene Jolas, não foi intimidada com a avalanche de críticas negativas, pelo contrário, como bem coloca Schüler: “Joyce não cessa de escrever, abre buracos no simbólico, desarticula ideias e palavras, mina monumentos, constrói, encadeia borromeamente o infinito. [...] A escrita o instala no mundo, revira o mundo, restaura o mundo”.⁹ Se

⁴ SCHÜLER. *Joyce era louco?*, p. 176.

⁵ SCHÜLER. *Joyce era louco?*, p. 195.

⁶ SCHÜLER. *Joyce era louco?*, p. 214.

⁷ SCHÜLER. *Joyce era louco?*, p. 233.

⁸ SCHÜLER. *Joyce era louco?*, p. 119.

⁹ SCHÜLER. *Joyce era louco?*, p. 225.

Joyce foi louco, teria sido, como Schüler argumenta, como os surrealistas, construtores de realidades outras, mas sem jamais se subordinarem a elas.

Joyce era louco? A pergunta que permeia esse livro, aparecendo tanto em seu título quanto inúmeras vezes ao longo dos capítulos, não traz consigo uma resposta objetiva; ao invés disso, convida o leitor e a leitora a refletir sobre muitas outras questões que são levantadas ao longo da instigante escrita de Donaldo Schüler. A literatura é apresentada como uma potente arma política. Esse é um livro necessário e corajoso.

Recebido em: 15 de dezembro de 2017.

Aprovado em: 15 de fevereiro de 2018.